

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES

JORNALISMO

Orientanda: Deslange de Paiva Teixeira

Orientador: Prof. Me. Natalicio Batista Junior

TELENOVELAS E VIOLÊNCIA

Como as produções tem interferência direta nos índices de violência

RESUMO: O artigo objetiva analisar as consequências da falta de representação de personagens negros nas telenovelas brasileiras. Explica como são exibidas, qual o tratamento, quais as temáticas que envolvem o personagem na trama e, como essa composição estereotipada tem atuação no crescimento dos índices de violência. O artigo mostra como a perpetuação da desigualdade social e a violência em áreas de vulnerabilidade age para a formação de uma caricatura cultural dos negros. Tendo como ponto de partida as taxas referentes a violência no ano de 2017, o mais violento dos últimos onze anos, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, obtidos publicamente.

Palavras-chave: Violência. Racismo. Entretenimento. Informação.

ABSTRACT: The article aims to analyze the consequences of the lack of representation of black characters in Brazilian soap operas. It explains how they are exhibited, what are their treatment, what roles involve the character and how stereotypes influences the increase of violence rates. The article shows how the perpetuation of social inequality and violence in vulnerable areas acts for the formation of a black cultural caricature, taking as a starting point the reference of the rates of violence in 2017, the most violent in eleven years, at the Brazilian Public Security Forum, obtained publicly.

INTRODUÇÃO

A Televisão, mesmo com a internet e as redes sociais, ainda é o meio de comunicação com mais alcance de público na população brasileira. Segundo o último relatório realizado pela Pesquisa Brasileira de Mídia, da Secretaria de

Comunicação do Governo Federal, do ano de 2016, a TV é o meio utilizado por 63% dos brasileiros para se informar. Além de ser o principal meio de informação, a TV se torna a mídia mais propensa a influenciar os hábitos do telespectador.

Para grande parte da população, desde a época dos folhetins, as novelas são a principal fonte de informação e entretenimento capaz de mudar os hábitos da sociedade, por meio de histórias e personagens de identificação. É a maneira mais popular de comunicação e alcance de audiência na Tv.

No entanto, essa facilidade de informação pode ser perigosa, já que histórias abordadas de uma forma errônea podem também gerar preconceitos, estereotipização e estigmas na sociedade. Certos assuntos precisam ser tratados com sensibilidade para fazer com que o telespectador realmente entenda a temática que está sendo abordada.

A telenovela precisa ser objetiva para lidar com temas como racismo, homofobia e machismo, e agir estando atenta às mudanças sociais. Em 1998, por exemplo, a novela “Torre de Babel”, dirigida por Denise Saraceni, exibida pela TV Globo, trazia um casal de lésbicas em papéis de destaque. O público não soube lidar o casal e a saída encontrada pela produção, para lidar com a rejeição do público foi matar as duas personagens em uma explosão. Na cena, o casal ainda protesta com uma frase contra o preconceito, pela morte de ambas. Dezesesseis anos depois, o mesmo autor resolveu fazer justiça poética pelo casal na novela “Alto Astral”, repetindo a mesma cena, com as duas atrizes que nessa produção em questão não tinha um relacionamento amoroso, só que dessa vez ambas sobreviveram.

1. A desigualdade social e o crescimento das periferias nas cidades

A desigualdade social é formada pela diferença econômica existente entre pessoas dentro de uma mesma sociedade. De uma forma explícita, essa desproporção se torna um dos grandes motivos para o aumento da exclusão social e da violência, seguido por diversos outros problemas como o racismo, preconceito, entre outros. Esse desequilíbrio social é um problema histórico no Brasil, devido ao

processo de colonização do país e da falta de políticas públicas que amparasse os negros após a assinatura da Lei Áurea.

Uma das principais consequências da desigualdade social no Brasil é a aglomeração de pessoas em áreas marginalizadas das grandes cidades. Estima-se que o crescimento é um efeito da falta de distribuição de renda nacional e o déficit habitacional. Segundo o autor Florestan Fernandes (2008) em *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*, [...]

A desagregação do regime escravocrata e senhorial se operou no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo e assistência e garantias que protegessem na transição para o sistema de trabalho livre (FERNANDES, 2018, p.6)

Após a abolição da escravatura no Brasil, o Estado não soube criar políticas integrativas para o negro na sociedade e, em virtude disso, os libertos foram abandonados na cidade grande, sem perspectivas de trabalho assalariado. O que acabou transformando-se em um dos principais motivos para a perpetuação do racismo no Brasil e a permanência dos altos índices de desigualdade.

O negro chegou ou nasceu em um Brasil escravocrata, foi criado dessa maneira, aprendeu a viver na condição de servidão com base no medo e no poder econômico dos senhores de fazendas. Sendo assim, de acordo com Fernandes:

[...] A desagregação do Regime Escravocrata e senhorial se operou no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre. Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos sem que o Estado, a Igreja ou qualquer instituição assumisse encargos especiais que tivessem por objeto prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho (FERNANDES, 2008, p. 29)

Com a exclusão e a marginalização, a migração para favelas passou a ser vista como uma futura morada. Surgiram as primeiras periferias com a construção de casas simples pelos negros na parte mais afastada da cidade. Assim, foram erguidas as primeiras casas e o negro passou a morar na região mais marginalizada e a perambular pelas cidades atrás de trabalho assalariado. Sendo este último extremamente difícil já que o preconceito criava uma atmosfera de

segregação e, dessa forma, essa classe terminava sendo preterida dentro da modernização das grandes cidades.

A cidade foi segregada, dividida classes sociais diferentes, sendo a exclusão social uma das características dessa divisão. Além disso, era uma prática comum por parte das grandes cidades uma eurotização da localidade e a libertação trouxe foco para os centros urbanos principalmente, no Rio de Janeiro e em São Paulo. As construções, a forma de se vestir, os modos de cada cidadão estavam, pessoalmente, ligados ao eurocentrismo. O brasileiro, dessa forma, negava suas origens e costumes para se assemelhar ao homem branco. A reestruturação de classes colocava o negro e a comunidade indígena como último aspecto na escala social.

A ordem social competitiva e a urbanização das grandes cidades impediram a transformação da população negra em uma minoria racial que poderia se integrar de forma autônoma. A partir do crescimento dessas duas possibilidades, a posição de cada grupo e a camada social no sistema social passou a depender da capacidade de participação dentro do sistema econômico. Os negros e mulatos passaram a sofrer uma exclusão por não alcançar o mesmo patamar que outras classes, ou seja, existiam dentro de uma cidade, mas não progrediram em conjunto com o restante dos brasileiros.

A partir do segundo período de industrialização no Brasil (1808-1930), os imigrantes passaram a ganhar um espaço ainda maior no meio econômico, já que os donos de grandes indústrias preferiam oferecer trabalho para estrangeiros. Para Florestan Fernandes (2008),

[...] Embora esses agentes contem independentemente de suas origens étnicas ou nacionais, eles são esmagadoramente “brancos” e de forma preponderante “estrangeiros” ou nacionais de ascendência “estrangeira”. (FERNANDES, 2008, p. 127)

No contexto pós-abolição, notou-se a busca pelo embranquecimento da população nacional. As transformações da estrutura econômica, social e política da cidade foram fatores importantes para criar uma concentração de classes. Assim,

Nesse período, na medida em que vão para o centro do palco os agentes econômicos típicos da “grande cidade”, fazem-se sentir, com vigor, os efeitos da substituição populacional, ocorrida ao longo de pouco mais de meio século de evolução urbana. (FERNANDES,2008,p.163)

2. A violência nas periferias, medo e o Estado

As periferias, no geral, sempre foram locais que sofreram com a violência direta, principalmente nas disputas entre a polícia militar, traficantes e criminosos locais. Uma situação de violência muda a vivência de uma sociedade que se acostuma com o medo. Para a pesquisadora Tereza Caldeira (2000),

Invariavelmente, a circulação desses discursos do medo e a proliferação de práticas de segregação se entrelaçam com outros processos de transformação social: transições democráticas na América Latina; pós-apartheid na África do Sul; pós-socialismo no leste europeu; transformações étnicas decorrentes de intensa imigração nos Estados Unidos. No entanto, as formas de exclusão com encerramento sob as quais as atuais transformações espaciais ocorrem são generalizadas que se pode tratá-las como parte de uma fórmula que elites em todo o mundo vêm adotando para reconfigurar a segregação espacial de suas cidades. (CALDEIRA, 2000, p.9)

A violência está, diretamente, ligada às formas de repressão que um grupo dominante consegue impor sobre nichos. O funcionamento de uma cidade reage com o medo. Desde sempre os moradores de um local específico possuem um medo ou estranhamento sobre outro. Esse fenômeno acontece em relação às periferias.

No Brasil, a população periférica teve sua imagem ligada, diretamente, à violência, o crime e a miséria. Graças a forma como esse nicho da sociedade foi retratado nos meios de comunicação, assim como a teoria da Agenda Setting especifica que o público possui o interesse nos assuntos que são decididos, posteriormente, pelos meios de comunicação de massa.

Nesse quesito, a periferia é ligada, diretamente, à criminalidade e o Estado cria duas pontes de medo: a) medo da população periférica dos agentes do Estado (Policiais Militares, Policiais Civis, Exército); b) medo da população que reside nas áreas nobres das cidades dos moradores da periferia. Como consequência nasce

um muro de segregação onde as duas partes se negam a criar uma convivência social.

Ideais como liberdade, igualdade, tolerância e respeito à diferença, traços distintivos da perspectiva democrática que emergiu com a cidade, são, progressivamente, substituídos pela fragmentação e pela separação rígida de espaços (também sociais), garantidas por uma segurança sofisticada e estruturada sobre a valorização da desigualdade. Em contrapartida, vem à tona o desrespeito à justiça e aos direitos individuais e coletivos, impedindo a expansão da democracia e da participação política periférica.

É esse imaginário sobre as cidades que legitima a adoção de medidas de segurança privada através da contratação de guardas particulares, investimento na polícia local e a construção de enclaves fortificados. Assim, para Caldeira,

o principal instrumento desse novo padrão de segregação espacial é o que eu chamo de 'enclaves fortificados'. Trata-se de espaços privatizados, fechados e monitorados para residência, consumo, lazer e trabalho. A sua principal justificação é o medo do crime violento. (CALDEIRA, Tereza. 2000, p. 211).

O levantamento realizado pelo "Monitor da Violência", uma parceria entre o NEV¹ (Núcleo de Estudos da Violência da USP) com o portal G1, mostra que no ano de 2018, cerca de 6.160 mortes foram cometidas por policiais em ativa no Brasil. A taxa de mortes pela polícia subiu de 2,5 para 3 a cada 100 mil habitantes em um ano. O Rio de Janeiro é o Estado com o maior número de mortes. O estudo analisa mortos durante confrontos policiais e balas perdidas. ¹

Além da repressão policial, as favelas cariocas também são palco da guerra particular entre traficantes e policiais ou entre traficantes, na disputa por pontos de venda de facções rivais. Contando com armamentos cada vez mais sofisticados, muitos dos quais pertencentes às próprias forças armadas, o que se vê é um estado de guerra permanente nesses lugares.

¹ 1. O Núcleo de Estudos da Violência é um centro de apoio à pesquisa científica voltada para temas relacionados à violência, democracia e direitos humanos da Universidade de São Paulo. O Mapa da Violência produzido em parceria com o G1 - O Portal de Notícias da Globo. Realiza uma análise periodicamente sobre os dados da violência no Brasil.

No ano de 2018, o país teve 307 policiais assassinados em confronto ou no período de descanso. Nos últimos meses, por conta da exposição de violência policial, a população passou a questionar a autoridade policial perante a sociedade. Para Teresa Caldeira (2000), a polícia é como uma entidade que tem como intuito proteger acaba sendo o principal artifício de medo perante uma população de baixa renda. Para ela, “o trabalho principal da polícia não era a repressão ao crime – que certamente existia -, mas o controle dos pobres”. (CALDEIRA, 2000, p. 145). A polícia militar, no Brasil, é infelizmente, vista como repressora e não como segurança, dentro das periferias.

Segundo a constituição de 1989, a segurança pública é um dever do Estado para todos os membros da sociedade. Porém, as principais estratégias governamentais, nos últimos anos, insistem em apostar na repressão, violência e encarceramento, sem questionar políticas públicas de integração social que podem diminuir os índices de violência.

A segurança pública privilegia o policiamento ostensivo militarizado, a Polícia Militar recebe um aval para matar sem, necessariamente, sofrer consequências, e em grande parte recebe um poder indevido. Os grupos mais atingidos por essa violência institucionalizada fazem parte da população que, historicamente, se tornou clientela do sistema prisional nacional: os mais pobres, negros, jovens, moradores das periferias.

3. O ano mais violento

A Violência, ação ou efeito de empregar força física ou intimidação moral. Violência significa usar a agressividade de forma intencional e excessiva para ameaçar ou cometer algum ato que resulte em acidente, morte ou trauma psicológico. O sentimento de medo criado pelas formas de violência muda a rotina de uma cidade e o comportamento dos seus moradores. As conversas mudam, os horários e a rotina também.

Um relatório divulgado pela Organização Nacional das Nações Unidas (ONU) no mês de julho, com as taxas de homicídio intencional do ano de 2017,

classificou o Brasil como o segundo país da América do Sul mais violento, com 30,5 mortes acima da média.

O ano de 2017 foi o mais violento nos últimos onze anos, segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Foram o total de 65.602 homicídios, levando em consideração óbitos causados por agressão mais intervenção legal. Desses 64.258 foram homens, sendo 49.524 negros e, 4.936 mulheres, sendo 3.288 negras. O maior número de óbitos está entre homens, na maioria negros, de 15 a 19 anos, com uma taxa de 59,1% dos homicídios.

4. Representação de personagens negros e a associação com a violência

Com o passar do tempo, as telenovelas foram tratando de questões ligadas à identidade de gênero e orientação sexual. Apesar de alguns estereótipos reforços, muitas produções conseguiram ser claras e objetivas para o público e, dessa forma, tiveram boa recepção. A importância da informação por meio de telenovelas ajuda na identificação e representação da realidade para um público, que não compreende as informações advindas de um telejornal.

Mas como isso se aplica ao negro? Como um personagem negro é representado na televisão e qual a consequência disso para a perpetuação do racismo e, em consequência, para a violência? Para Muniz Sodré, na obra *Claros e Escuros*, a representação do negro na mídia é consequência da formação social brasileira, que cresceu, historicamente como uma sociedade europeia sem reconhecer suas próprias origens. Para o autor,

“Numa sociedade sem projeto de igualdade democrática voltada para a produção de elites muito poderosas e de diferentes muito inferiorizados, é fácil de se entender o empenho pequeno burguês em manter-se o mais distante possível da identificação africana. (SODRÉ, Muniz, 2002, p.98)

A representação do negros nas telenovelas insiste em ser uma caricatura racista, onde na maioria das vezes, os personagens são sempre coadjuvantes, um

elenco pequeno, em situação de inferioridade, servidão ou ligados a violência e a criminalidade. Um estereótipo que se propaga por décadas, uma vez que a falta de uma boa representação, faz com o que o telespectador crie uma imagem que se relacione a estes aspectos. Dessa maneira, a criminalidade e a inferioridade ganham um rosto, completo de estereótipos.

Essa formação de uma imagem, criada pelas telenovelas, afetam negros e jovens das periferias que sofrem preconceitos e estigmas, reforçados por anos por meio da televisão.

No ano de 2017, personagens negros não eram bem representados na televisão. As principais novelas, com o maior número de audiência por exemplo não continha personagens negros, somente em posição de inferioridade ou ligados a criminalidade.

A novela *a Força do Querer*, Escrita por Glória Perez, sob direção de Cláudio Boeckel, exibida de abril a outubro de 2017 pela Tv Globo, é um bom exemplo para mostrar como existe uma dificuldade de representação. A produção em questão ganhou destaque por mostrar de forma prática a transição de um homem trans, de forma sensível, deixando claro para o público como era o processo de transição, a importância dessa questão para a personagem.

Em um outro contraponto, um único personagem negro da novela conseguiu destaque, o coadjuvante Sabiá, traficante interpretado pelo jovem ator Jonathan Azevedo. Durante a exibição da novela, o próprio ator informou em diversas entrevistas que vinha sofrendo preconceito por parte do público, que associava o ator e sua origem, como morador da periferia do Rio de Janeiro ao personagem.

No mesmo ano, as outras novelas exibidas, inclusive em outros canais, também não davam destaque para personagens negros. Em consequência, no mesmo ano em que a representação era mínima, a maioria das pessoas mortas de forma violenta eram negras.

Quando se forma uma imagem relacionada diretamente com a violência, socialmente isso passa a ter um impacto para a população. Um homem negro parado com um guarda chuva, pode ser facilmente confundido com um homem negro segurando uma arma, porque essa é a construção do entretenimento.

A maneira como é mostrado um personagem, no meio televisivo, é popularmente visto para o público como uma representação da realidade. Um espécie de Agenda Setting do entretenimento. Mesmo involuntariamente, as produções criam uma história que condiz com a realidade em alguns aspectos, dessa forma, os telespectadores tomam para si aquela verdade.

No âmbito da segurança pública, como já citado por Tereza Caldeira, a polícia cria um aval para matar, sem perguntar nome. Com uma forma de combater a violência com mais violência, quando se tem um suspeito e não se sabe se ele realmente cometeu algum delito, o aval para matar entra conforme sua vivência cultural. Se culturalmente é reforçado pelos meios de comunicação, que o negro ou o morador da periferia está historicamente ligado a criminalidade, eles se tornam os alvos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio índices de violência registrados no Brasil no ano de 2017, o artigo conseguiu expor as formas de representação de personagens negros nas telenovelas e, como a formação dessa imagem tem ligação direta para o crescimento da violência contra negros no Brasil.

A partir da pesquisa, conclui-se que o reforço cultural e histórico de uma personagem estigmatizado e estereotipado cria um alvo para a segurança pública no combate a violência. Dessa forma, cada vez mais, homens negros morrem por enganos, pelas mãos do despreparo da polícia. Em 2017, quase 50 mil homens negros morreram de forma violenta no Brasil. Mais de 50% do número de total de homicídios.

Nos últimos anos, a violência do estado entrou em discussão pela quantidade de mortes causadas por policiais em serviços ou de folga, dessas mortes, a maioria

eram inocentes e não foi comprovada nenhuma ligação com a criminalidade. A maioria jovens, homens, negros. A formação cultural que assistimos na televisão, tem influência direta na realidade, ou seja, a sociedade tem uma tendência de associar personagens do entretenimento com pessoas reais e, nisso cresce a violência contra uma parcela da população que geralmente é estigmatizada na televisão.

REFERÊNCIAS

Livros: CALDEIRA, Teresa P. do Rio. Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34, 2000.

CASTEL, Robert. As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. São Paulo, Vozes, 2002.

FERNANDES, Florestan. A Integração do Negro na Sociedade de Classes. Rio de Janeiro, Biblioteca Azul, 2003.

MARICATO, Ermínia. MetrÓpole, Legislação e desigualdade. São Paulo, Publicação artigo Scielo, 2003.

MUNIZ, Sodré. Claros e Escuros. São Paulo, Editora Vozes, 2004.

Relatórios

[ORGANIZAÇÃO DAS NA   ES UNIDAS. United Nations Office On Drugs and Crime. Relatório. Viena. GLOBAL STUDY ON HOMICIDE Homicide: extent, patterns, trends and criminal justice response. 2019.](#)

[F RUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Atlas da Violência. São Paulo. 2019.](#)